

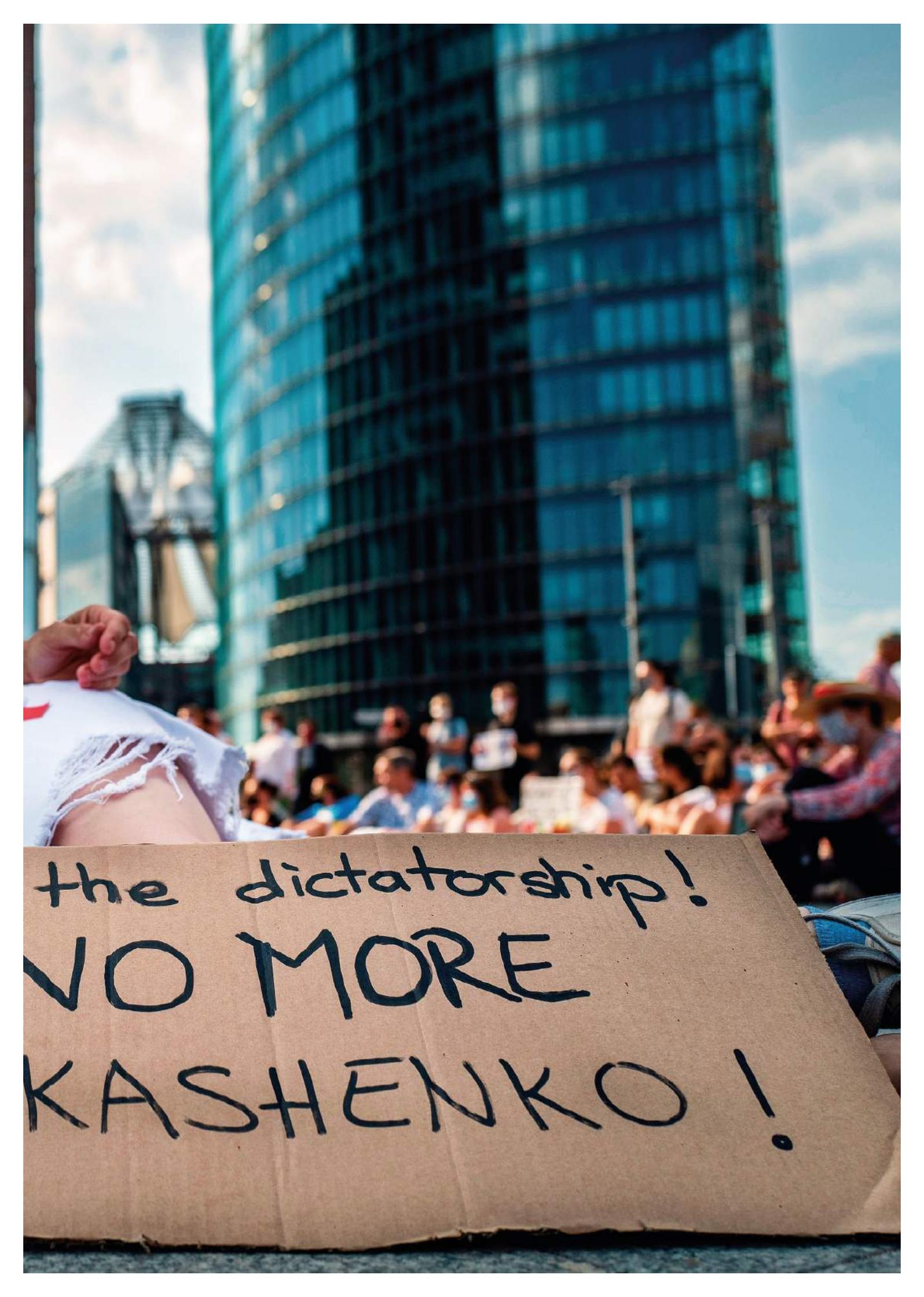
A REVOLUÇÃO DE SVETLANA E DO PROLETARIADO

Diz que não gosta de política nem de políticos, mas já se assume como a única personalidade capaz de unir e de governar os bielorrussos. Será que Svetlana Tikhanovskaya conseguirá afastar o Presidente Lukashenko do poder e, com a ajuda dos operários e das forças de segurança, fazer vingar o seu movimento pela dignidade?

 FILIPE FIALHO

Resistência As praças de Minsk e das principais cidades do país continuam a ser palco de manifestações pacíficas, em que se exige a demissão do Presidente

End
LUK

A photograph of a protest. In the foreground, a hand holds a piece of torn white fabric. Below it, a brown cardboard sign is held up with the text "the dictatorship!
NO MORE
KASHENKO!". The background shows a large crowd of people and a tall, modern glass skyscraper under a blue sky with light clouds.

the dictatorship!
NO MORE
KASHENKO!

Duelos Lukashenko exibe-se de uniforme e Kalashnikov, mas a maioria dos bielorrussos perdeu-lhe o medo e já nem leva a sério os noticiários televisivos apresentados por jornalistas russos

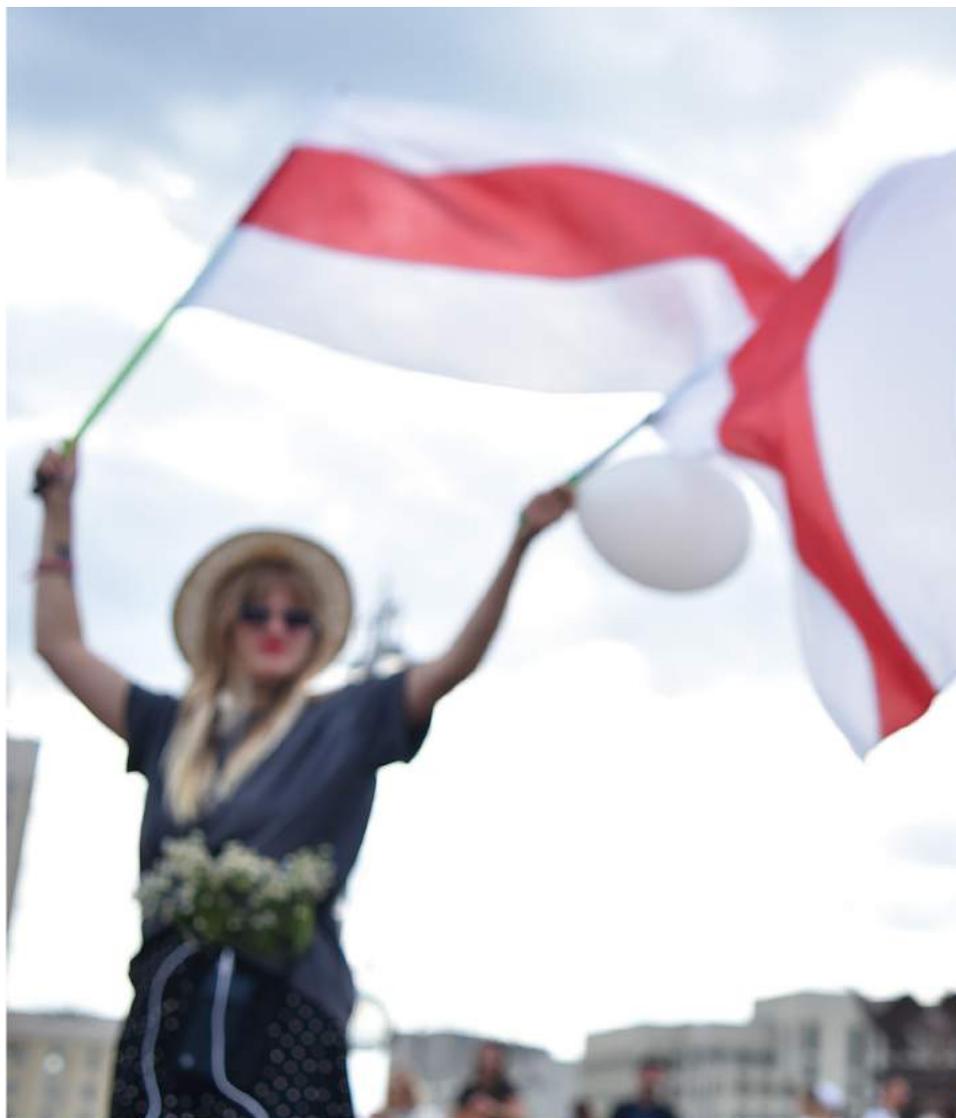
É

É costume dizer-se que os melhores líderes são aqueles que não gostam do poder e ainda menos de o exercer. A Svetlana Tikhanovskaya nunca lhe passou pela cabeça alguma vez ser falada nos cinco cantos do mundo, nem lidar com pessoas ilustres e influentes – como lhe aconteceu na passada segunda-feira, 24, quando teve de encontrar-se com o número dois da diplomacia dos EUA, Stephen Biegun, que viajou expressamente de Washington D.C. para se encontrar com ela em Vilnius, a capital da Lituânia.

A antiga professora e tradutora de inglês, de 37 anos, sempre foi tímida e discreta, ao contrário do marido, Sergei Tikhanovsky, empresário, produtor musical, blogger, vlogger e ativista pró-democracia. Ele há meses que era uma das personagens mais mediáticas da Bielorrússia, com 200 mil seguidores no YouTube, devido às suas demolidoras rábulas online contra o Presidente Aleksander Lukashenko; ela há quase uma década que abdicou de ter uma carreira profissional para dedicar-se, em exclusivo, à família e aos dois filhos de ambos – a benjamim, Agnya, de 4 anos e meio, e sobretudo Korney, de 7, que nasceu com problemas auditivos graves e precisa de atenção e cuidados permanentes.

A PAZ E A TIMIDEZ DE SVYETA

As circunstâncias políticas do país governado pelo mesmo homem há 26 anos baralharam os planos do casal. Sergei decidiu, em maio, candidatar-se à presidência da República e, no final desse mês, acabou atrás das grades, acusado de perturbar a ordem pública



e com julgamento agendado para as calendas gregas. Um expediente habitual do regime para neutralizar os opositores incómodos. Svetlana decidiu então avançar com a própria campanha para as eleições de 9 de agosto, “por amor” e a pedido da sua cara-metade. A partir daqui, a história é do conhecimento de todos. A antiga adolescente conhecida por Svyeta, que costumava passar os verões na pequena cidade irlandesa de Roscrea, por ser uma sobrevivente do acidente nuclear de Chernobyl, tornou-se um caso sério de popularidade e hoje apresenta-se como a principal opositora de Lukashenko. Tal como prometeu em todos os comícios e conferências de Imprensa em que participou, nos últimos dois meses e meio, Svetlana insiste em dizer que não é e nunca será política, só quer ter uma vida normal, “fritar costeletas”, estar com as suas crianças e com o seu Sergei.

Ora a realidade já provou que isso não vai acontecer tão depressa. O fraudulento escrutínio em que lhe foram

atribuídos 10% dos votos e a repressão que se seguiu – mais de sete mil detenções, centenas de feridos e, pelo menos, dois mortos – redundaram numa vaga de protestos sem precedentes no país, com ela a destacar-se como “símbolo de esperança”, como lhe chamou a escritora bielorrussa, agraciada com o Nobel da Literatura em 2015, Svetlana Alexievich. E nem a sua fuga para a vizinha Lituânia, logo após o fecho das urnas e na sequência de inúmeras ameaças, a impedem de liderar a “revolução da dignidade”, como muitos analistas designam a atual revolta pacífica em curso. Para já e por tempo indeterminado, Svyeta é a única figura consensual para fazer frente ao antigo capataz de uma quinta soviética que se tornou o “último ditador da Europa” – um apodo que o visado assumiu sem falsos pudores, em 2012, comentando que “mais vale ser ditador do que gay”, referindo-se ao então ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, Guido Westerwelle.

**NO INÍCIO DESTA SEMANA,
O REGIME INICIOU UMA CAMPANHA
PARA DECAPITAR A OPOSIÇÃO**



**SVETLANA
TIKHANOVSKAYA**
EX-PROFESSORA

A líder "acidental" da revolta contra Lukashenko teve de exilar-se na Lituânia, devido às ameaças, mas continua a ser o rosto da oposição.



ENCLAVE ESTRATÉGICO

Há mais de dois séculos que a Bielorrússia vive sob a tutela de Moscovo. Em 1991, reconquistou a independência, mas a Rússia de Vladimir Putin não quer que o país se aproxime da União Europeia



Atual bandeira, adotada em 1995 após referendo, quase igual à do período soviético (sem a foice e o martelo)



Bandeira da primeira república, em 1918, antes de integrar a URSS, e agora usada pela oposição

	Bielorrússia	Portugal
ÁREA (mil km ²)	207	92
POPULAÇÃO (milhões)	9,4	10,2
PIB (milhares milhões)	50	198
PIB PER CAPITA (€)	5 874	19 265

Como tem vindo a ser reivindicado nas manifestações que já duram há quase três semanas, os objetivos de Svetlana Tikhonovskaya e da maioria da população são muito claros: libertação dos presos políticos, organização de nova ida às urnas, com a presença de observadores internacionais, e, claro, o afastamento de Aleksander Lukashenko e respetivos esbirros, em particular os responsáveis pela onda de violência e de tortura. Um programa despojado de grandes metas governativas ou de ambições geopolíticas. Por exemplo, ao invés das revoluções coloridas na Ucrânia e na Geórgia, ninguém lança palavras anti-Rússia ou solicita a adesão à NATO e à União Europeia. O importante é alcançar as três metas acima definidas e fazer jus ao que diz a letra do hino nacional: "Nós, os bielorrussos, somos um povo de paz."

Num aparente desnorte inicial, o mais duradouro governante do espaço pós-soviético ainda admitiu fazer cédências e propôs que se realizasse um referendo à Constituição, mas a forma como foi recebido, a 17 de agosto, pelos operários de uma das maiores fábricas do país, nos arredores de Minsk, denunciaram as suas intenções: "Já tivemos eleições. Não haverá outras



Barbárie As forças de segurança fizeram mais de sete mil detenções, desde 9 de agosto, e, entre as centenas de pessoas já libertadas, são bem visíveis os sinais de tortura

enquanto não me matarem. Jamais irei ceder à pressão das ruas.” Como resposta, ouviu da boca dos funcionários da MTZ o que era impensável há ainda poucas semanas: “Mentiroso!”, “Vai-te embora”, “Demite-te!”. Enfurecido, tomou finalmente consciência de que algo muito grave se estava a passar à sua volta. Meteu-se no seu helicóptero e regressou a um dos 17 palácios presidenciais para preparar

a melhor resposta aos “ingratos” dos seus compatriotas – desde então, já lhes chamou “nazis”, “ratazanas” e “carneiros nojentos”. Nesse mesmo dia, teve duas outras péssimas notícias. A União Europeia, pela voz do presidente do Conselho Europeu, o belga Charles Michel, anunciou que não iria reconhecer os resultados das eleições em que ele obteve oficialmente 80% dos sufrágios e, cúmulo das desfeitas, a Letónia fez

saber que não aceitava coorganizar com a Bielorrússia o campeonato do mundo de hóquei no gelo – o seu desporto favorito –, agendado para maio de 2021, em Minsk e em Riga.

O CARISMA DO OPERARIADO

Na sequência do episódio ocorrido na MTZ, ficou a conhecer-se um novo protagonista accidental da revolta contra o governo: Sergei Dylevsky, 30 anos, metalúrgico e um dos principais instigadores das greves que alastraram a quase todo o território. Indignado com a violência e a tortura de que foram vítimas muitos dos seus amigos e conhecidos, entendeu que não podia ficar de braços cruzados. O seu Nissan Patrol funcionou como ambulância improvisada para levar feridos para os hospitais, incluindo alguns com fraturas múltiplas e lesões oculares irreversíveis. Na fábrica onde os seus pais também se conheceram e trabalharam, terá sido ele a mobilizar boa parte dos quase 20 mil operários que fizeram as paralisações

O PODER DA SOLIDARIEDADE FEMININA

Na campanha para as eleições de 9 de agosto, Svetlana Tikhonovskaya mobilizou interesses e vontades. Após as fraudes e a repressão do regime, lidera agora um Conselho de Coordenação das forças opositoras ao Presidente Lukashenko, com centena e meia de personalidades, na sua maioria mulheres

LILIA VLASOVA ADVOGADA

Não é uma vedeta nacional – como a antiga tenista Victoria Azarenka e a campeã olímpica Darya Domracheva –, mas esta jurista de Minsk tornou-se uma das figuras-chave da oposição ao regime. Prova disso é que, na última segunda-feira, 24, recebeu ordem de prisão por estar supostamente envolvida em atividades subversivas.

VERONIKA TSEPKALO GESTORA

Durante quase uma década, foi quadro superior da Microsoft, mas suspendeu as suas funções para colaborar na frustrada campanha presidencial do marido, Valery Tsepka, antigo embaixador, *ex-apparatchik* de Lukashenko e fundador do Parque Tecnológico de Minsk. O casal está agora exilado em Moscovo.

MARIA KOLESNIKOVA ARTISTA

Flautista e professora de música, formada em Minsk e em Estugarda, na Alemanha, aceitou em junho ser chefe da campanha presidencial de Viktor Babariko, um mecenas das artes e ex-administrador do banco russo Belgazprombank. Com este detido, aliou-se a Svetlana Tikhonovskaya e converteu-se numa figura quase omnipotente nos protestos em todo o país.

SVETLANA ALEXIEVICH ESCRITORA

Aos 72 anos, a bielorrussa, galardoada com o prémio Nobel da Literatura em 2015, foi convidada a integrar o Conselho de Coordenação e já está a pagar um preço elevado por ter aceitado. A polícia voltou a invadir a sua casa e a autora pode, em breve, vir a ser acusada de participar na rebelião contra Lukashenko.





AS GREVES NAS FÁBRICAS DO ESTADO PODEM FAZER COLAPSAR A ECONOMIA E O PRÓPRIO REGIME

temporárias e participaram na vaga de desobediência civil contra o regime.

Uma iniciativa com uma importância crucial. A MTZ produz mais de 32 mil tratores anualmente, sendo que 90% são exportados, representando uma fonte inestimável de receitas para os cofres públicos. As regalias sociais aí em vigor – a começar pela clínica própria que emprega meio milhar de médicos, enfermeiros e auxiliares de saúde – sempre foram apresentadas como uma receita de sucesso para o socialismo à moda de Lukashenko, além de funcionarem há um quarto de século como um bastião eleitoral. Por isso, quando os protestos e as greves da MTZ se estenderam à maior refinaria nacional, a Belneftkhim, e às grandes empresas e unidades fabris sob controle do Estado, percebeu-se que estava em causa a economia e o seu eventual colapso. Afinal, estas representam 70% do PIB nacional e ocupam mais de um quarto da população ativa. Todas estas estatísticas e o carisma de Dylevsky fizeram com que ele fosse convidado a integrar o novo Conselho de Coordenação, formado por Svetlana Tikhano-

vskaya, para se negociar com o regime e assegurar uma possível transição de poder. A aposta revelou-se acertada. O jovem metalúrgico impulsionou a luta proletária, tornou-se uma estrela e até mereceu um artigo especial no *New York Times*, a 21 de agosto. E, a exemplo da líder exilada na Lituânia, também ele confessa não estar minimamente interessado no poder e numa carreira política: “Seria a última coisa que faria na vida. É uma atividade desprezível. Num dia, oferecem-nos sorrisos, no seguinte dão-nos facadas nas costas.” Seja como for, já não se livra da fama e da responsabilidade: “Ele não tem medo. É um fulano normal, não um oportunista, e sabe perfeitamente o que tem de ser feito”, garante um amigo e camarada de trabalho, o electricista Vadim Paivin, em declarações ao diário nova-iorquino.

Ensina a História que há não revoltas nem revoluções bem-sucedidas sem a colaboração de quem detém a força. E, apesar de algumas deserções policiais, as principais unidades militares e de segurança continuam ao lado do Presidente. A explicação é simples. Ganham tanto ou mais do que os médicos e os

engenheiros e ainda contam com prémios e mordomias adicionais, como habitação fornecida pelo Estado. Ou seja: praticamente não sentem a estagnação económica do país – na última década, o PIB cresceu, em média, 1,7%, ao passo que, na anterior, registou um aumento de 7,5%, de acordo com o Banco Mundial. O suposto milagre económico de Lukashenko é um mito e já só beneficia a clique mais próxima do Presidente, que sempre soube aproveitar-se dos negócios do petróleo e do gás – subvencionados pela Rússia – e dos complicados equilíbrios entre o Ocidente e Moscovo. Falta saber quanto tempo mais conseguirá ele resistir após os bielorrussos lhe terem perdido o medo. Analistas como o polaco Slawomir Sierakowski não lhe auguram grande futuro e admitem que possa acabar como Nicolae Ceausescu, o ditador romeno fuzilado no natal de 1989, a mando dos seus outrora fiéis colaboradores. Talvez por querer evitar esse destino, Lukashenko resiste enquanto pode e muda de tática consoante as circunstâncias. No início desta semana, em vez de recorrer à Omon, a brigada antimotim, mandou as secretas prenderem os principais dirigentes da oposição, incluindo Sergei Dylevsky, numa clara tentativa de decapitar a dissidência. Tudo indica que a revolução de Svetlana e do proletariado está longe de ficar concluída. ■■ ffialho@visao.pt